

MULHERES QUILOMBOLAS CANTAM E DANÇAM SUA FÉ NO UNIVERSO SINCRÉTICO CONTEMPORÂNEO

Nilza Maria Pacheco Borges¹

Resumo: Este estudo tem por objetivo analisar o fazer musical das mulheres Quilombolas de Coronel Xavier Chaves que, reunidas numa associação denominada Cosnec (Consciência Negra de Coronel Xavier Chaves), se destacam com o canto e a dança do Bate-Paus, do Maculelê e as Danças Afros. A prática cultural e religiosa busca o perpetuamento da cultura do negro e, em especial, a valorização da mulher e são vivenciadas no contexto sincrético do catolicismo local. A oralidade seria o veículo por onde os fazeres artístico-religiosos ocorrerem e, para essas mulheres que se dizem católicas, tem sido a grande transmissora e garantidora das tradições que perpassam esse grupo. Pela pesquisa qualitativa e método etnográfico perguntamos como essas mulheres recriam seus significados através do canto advindo das tradições culturais e religiosas. Toda criação de teoria reflete a realidade e novas produções de sentido que podem ocorrer em dicotomias e reformulações entre a dinâmica e forma.

Palavras-chaves: Canto. Criação. Sincretismo. Religião.

Introdução

No estado de Minas Gerais existem diversas tradições, religiosas ou não, há muitas localidades e práticas culturais que atraem a atenção de vários observadores. De caráter material ou imaterial essas tradições têm muito a dizer sobre a história de uma Minas que, mesmo em constante transformação, busca a preservação desses valores.

Atualmente, o interesse de pesquisa se volta para as mulheres Quilombolas de Coronel Xavier Chaves, que reunidas numa associação denominada Cosnec¹ (Consciência Negra de Coronel Xavier Chaves) se destacam por suas manifestações artísticas, como os cantos religiosos, as danças do Maculelê do Bate-Paus, numa prática cultural e religiosa que busca o perpetuamento da cultura do negro, e, no caso do grupo, a valorização da mulher.

Sanchis (1995) se refere ao sincretismo como uma modalidade constituída pela ambivalência que contém os empréstimos e reinterpretação de elementos de tradições diversas. Esses formam novos sistemas “como acontece no sincretismo brasileiro, em que nunca se chega a uma verdade unificada” (SANCHIS, 1995, p. 98). O autor mostra a chegada

¹ Doutoranda em Ciências da Religião – PPCIR – UFJF – MG – Bolsista FAPEMIG.

do terceiro povo, os negros, que se junta aos dois primeiros, os portugueses e os índios, e complexifica as identidades religiosas misturando etnias e culturas.

1. O termo “quilombo” e suas transformações sócio-políticas

O primeiro significado do termo quilombo tinha por objetivo a designação de agrupamentos de fugitivos no período escravocrata brasileiro. Desta forma, o quilombo surge como uma forma de resistir à escravidão a qual os negros foram submetidos. Enquanto para os escravos o quilombo era sinônimo de liberdade, possibilidade de “inserção num sistema de produção e repartição social mais igualitária”, ou seja, um modelo alternativo de sociedade que se punha em confronto com o modelo escravocrata, para a sociedade branca representava a ameaça de roubo, guerrilha ou libertação de escravos (SANTOS, 2012, p. 651).

O Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, no artigo nº 68, da Constituição Federal de 1988 começa a redefinir o conceito de quilombo e no seu enunciado consta que,

Aos remanescentes das comunidades de quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos. (Constituição Federal, Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, art. nº 68, 1988).

636

De acordo com Santos (2012, p. 651), esse dispositivo na Constituição Federal permitirá uma discussão das lutas quilombolas e uma nova percepção da sociedade sobre os quilombos, efetuando, assim, uma reconfiguração simbólica “do ser descendente de escravos na qual se confere relevo à dimensão da resistência à escravidão”.

A promulgação da Constituição Federal de 1988 propiciou aos negros outro status, cuja enunciação não mais ocorre a partir de uma perspectiva assimilacionista do Estado. Os quilombos ou as comunidades remanescentes passaram a ser matéria de Lei, o que propiciou aos membros dessas comunidades se constituírem como sujeitos coletivos, com direitos específicos (PORTO; KAISS; COFRÉ, 2013).

O conceito contemporâneo de quilombo efetivamente deu tradução legal a uma demanda coletiva pela pluralização dos direitos, sustentado na observação da diversidade histórica, étnica e cultural da população compreendida pelos limites territoriais do Estado brasileiro. Entretanto, a necessidade de atrelar tal reconhecimento a um ato de nomeação do Estado, levou também a converter aquela pluralização inicial em um processo de fixação e cristalização de novas identidades – não só administrativas e legais, mas também políticas e étnicas. O compromisso

estabelecido entre discurso antropológico e discurso jurídico e administrativo neste processo de nomeação custou aos antropólogos a colaboração direta nas práticas divisórias estatais, por meio do estabelecimento de uma nova categoria classificatória, cuja função foi, novamente, reduzir a variedade das experiências e representações sociais a um modelo denominação jurídico-administrativa. (ARRUTI, 2008, p. 26-27).

No passado o quilombo era expressão da luta de classes existente entre escravos e senhores, na atualidade, são vistos “como expressão da multiplicidade de hierarquias constitutivas do sistema capitalista”, da mesma forma que gênero, cultura, a religiosidade e a classe(SANTOS, 2012).

Se em áreas banto da África, *keilombò* significava sociedades de homens guerreiros, no Brasil colonial a denominação *quilombola* passou a designar homens e mulheres, africanos e afrodescendentes, que se rebelavam ante a sua situação de escravizados e fugiam das fazendas e de outras unidades de produção, refugiando-se em florestas e regiões de difícil acesso, onde reconstituíam seu modo de viver em liberdade. Findo o sistema escravista, o termo *quilombola* foi passando por releituras e adquirindo outros significados, como o de *sujeito de direitos*, resultante de conquistas jurídicas do movimento negro perante o Estado brasileiro. (FERREIRA, 2012, p. 647).

637

A definição de políticas públicas próprias para as comunidades quilombolas, principalmente no que concerne a implementação e regulamentação de ações que permitam e possibilitem a titulação coletiva das comunidades remanescentes de quilombos evidenciam o reconhecimento desses espaços. (PORTO; KAISS; COFRÉ, 2013).

2. A vivência das quilombolas de Coronel Xavier Chaves no contexto atual

Os integrantes da comunidade Quilombola do Cosnec, evidenciando as mulheres, não passam imune à questão do preconceito. Sentem a discriminação comum à população negra por parte de determinados seguimentos sociais.

[...] Eu adoro este movimento porque é um motivo pra gente desligar do movimento de dentro de casa, se diverte, conhece outras pessoas, o pessoal adora. Alguns não gosta, mas a gente nem liga. As missas são cheia de animação, a gente canta e dança com muita alegria. Quem não gosta é gente rica branca, rica que não gosta do negro. Não vai na nossa missa, mas nós fica tranqüila, no mundo tem muita gente pobre e negra que faz sua festa muito bonita. (Entrevista com Inês, integrante do Cosnec, 06/11/2013).

A fala de Inês deixa explícito que há uma divergência entre a prática negra nos rituais da igreja católica na região em relação à parcela de brancos. Entretanto, esta ruptura não

impede que na localidade seja realizada a “missa inculturada”² onde os elementos da tradição católica se misturam aos elementos de uma tradição cuja origem se encontra numa matriz africana.

A chamada “missa inculturada”, que ocorre em um domingo de cada mês, contém os mesmos signos de uma missa tradicional, entretanto, há uma apresentação estética em que os quilombolas responsáveis pelos cantares, se apresentam com vestimentas típicas negras e entoam os hinos, cujo acompanhamento é realizado com atabaques, pandeiro, berimbau e caixa em ritmo africano, mas as letras não fazem menção a nenhuma referência ao candomblé, por exigência dos padres Antônio Luciano e Raimundo, ambos negros. A informante Maria Lúcia, também membro do Cosnec faz questão de deixar claro o respeito que há nesta junção entre o catolicismo e a prática comum entre os negros, que ela diz ser herança dos tempos da escravidão, “[...] partes do terreiro não podiam entrar; os membros são católicos, alguns não são, mas respeitam a igreja. Eu respeito todos”.

A comunidade Quilombola do bairro Vila de Fátima possui cerca de 900 membros que quase em sua totalidade pertencem ao catolicismo. A “missa inculturada” que é realizada na igreja matriz de Nossa Senhora da Conceição tem a participação de uma parcela bem expressiva da comunidade. Há a preocupação de respeitar as tradições católicas, e para isso acatam os limites impostos pelos padres, sem que se perca a característica principal da cultura afro de ser mais alegre e festiva. Durante o ofertório é distribuído pipoca, biscoito, broa de fubá, rapadura, que são quitandas típicas da culinária negra, como forma de simbolizar a fartura típica da cultura negra. Ao final da missa é distribuído biscoito de fubá, pamonha que nem todos conhecem.

A luta pelo/nos territórios quilombolas gira em torno da valorização e manutenção das relações com a natureza, que se manifestam nas práticas etnobotânicas e agroecológicas que ganham particularidades e singularidades na vida dos quilombolas, como se pode observar nas relações que as plantas e plantios adquirem na associação com a religiosidade, ritos e manifestações culturais, estética (interna ou externa a casa, da rua ou da comunidade), medicina e até nas atividades econômicas (SANTOS, 2012).

No processo (na maioria - senão na totalidade das vezes - conflituoso) de nomeação de um grupo como "remanescente" produz-se uma série de mudanças que atingem aquelas comunidades, tanto na sua relação com os que as rodeiam - sejam as populações vizinhas, os poderes locais ou os aparelhos de Estado -, quanto nas relações entre seus próprios atores, com acomodações, disputas e muitas vezes a própria criação de chefias e formas de ordenamento político, com a alteração dos significados atribuídos às

festas e rituais, com a reelaboração da memória e com a alteração do status dos guardadores da memória, que passam a desempenhar um papel sem precedentes na vida do grupo. Apesar das exigências do termo, os "remanescentes" não são sobras de antigos quilombos prontos para serem identificados como tais, presos aos fatos do passado por uma continuidade evidente e prontamente resgatada na "memória coletiva" do grupo. (PORTO; KAISS; COFRÉ, 2013).

É comum considerar que as relações das comunidades com o seu passado precisam ser produzidas no agora, por meio da recriação de elementos da memória de traços culturais que possam ser parecidos com sinais externos que consigam ser reconhecidos pelos mediadores e os órgãos que tenham capacidade de nomeação. Desta forma, as diferenças que causavam distinção com a população local na forma de equívocos, se tornam positivas e os termos negros e pretos passam a ser adotados pelas comunidades que até bem pouco tempo excluíam tais denominações, mas no momento atual são vistos como identidade de remanescentes (PORTO; KAISS; COFRÉ, 2013).

3. A relação entre a arte e religiosidade das mulheres do Cosnec

As mulheres Quilombolas do bairro de Fátima, que integram o Cosnec, vivenciam manifestações culturais que evidenciam a mediação performática da música religiosa e folclórica na manutenção de uma tradição³ religiosa e popular que remonta ao passado histórico mineiro.

Segundo Alvarenga (1982), quando se pensa em música religiosa de caráter popular no Brasil logo se associa a dois tipos, os cantos que estão ligados aos costumes católicos, e de outro os cantos ligados às cerimônias de matriz africana. Ressalte-se que a música e a religiosidade são dois elementos que desde o período colonial apresentaram uma íntima relação em Minas Gerais onde a música foi uma das formas que o cristão mineiro utilizou para expressar sua devoção e homenagear o sagrado. (BORGES, 2005).

No calendário católico, as danças dramáticas⁴ estão em íntima ligação, prática que provém do antigo costume catequista em que havia a incorporação dos ranchos indígenas e negros dançadores às procissões brasileiras. Conforme Alvarenga,

[...] à música desses povos negros sempre coube também uma função social e religiosa. Durante o seu longo cativeiro os seus cantos e danças foram praticamente a única diversão que lhes permitiam; com eles os escravos enchiam os seus descansos, comemoravam os dias de festas públicas, quase

todas católicas, e tornavam menos árduas muitas de suas tarefas, executadas ao som de cantorias. (ALVARENGA, 1982, p. 19)

As identidades são um produto das relações sociais que consiste num processo dialético envolvendo o indivíduo e a sociedade e que, por isso, estão em permanente construção. São redefinidas pelo sujeito ao longo de sua vida a partir das múltiplas experiências, das relações e interações sociais vividas (SILVA, 2010). Neste sentido, a identidade étnica, tratar de uma identidade contrastiva e situacional, sendo uma forma de organização social e de afirmação do “nós” em oposição aos “outros”. Constrói-se em situações específicas e de confronto interétnico, situação de fricção interétnica, entre grupos minoritários e dominantes em que os primeiros se encontram ameaçados de extinção cultural ou física (SILVA, 2010).

O grupo das quilombolas do Bairro de Fátima vivenciam os valores imateriais que possuem na comunidade, com destaque à “missa inculturada”, a congada, as folias, o maculelê e a dança de bate-paus, que formam um conjunto de fatores mais estruturado no pensamento do grupo, pois há elementos na comunidade que foi tombado, no caso uma pessoa⁵, em função do papel desempenhado por esta no repassar de um saber às gerações mais novas.

640

[...] Queremos o espaço para mostrar nosso trabalho. Que a gente também tem direito. O Elder prefeito ajuda bastante o grupo. Abraçou a causa também. Então, ele é branco, nessa parte ele não vê cor, não vê raça. A gente já deu o primeiro passo. Tá engatinhando para começar a andar. Vai fazer o tombamento, assim como abraçou o feriado do dia vinte⁶ na cidade. A pesquisa foi uma votação unânime⁷ graças ao Cosnec que é afro-descendente. (Entrevista com Maria Lúcia, integrante do grupo Cosnec, 03/11/2013).

A fala de Maria Lúcia demonstra o desejo pelo reconhecimento do grupo, por ser um fato que constitui uma ação afirmativa para a comunidade de Quilombolas.

Quanto à relação entre religião e arte, a partir de Calvani (2010), notamos que há a inserção da vida religiosa em todos os compartimentos da cultura sem que essa perca sua autonomia. A realização de um “universo de sentido” ocorre sempre em expansão sob rupturas internas, ambiguidades e auto-reformulações, cujo crescimento se dá através da polaridade entre as formas de realização dos fazeres e a relação estabelecida com a dinâmica vivida no meio social. Toda criação reflete a realidade e novas produções de sentido que podem ocorrer em dicotomias e reformulações.

4. A superação do preconceito a partir dos fazeres artístico-religiosos

As Mulheres Quilombolas do bairro de Fátima se enquadram no cenário de dificuldades que a maioria das mulheres brasileiras se encaixam, contudo, elas vêm tentando superar essas dificuldades a partir das práticas da arte e religiosidade. A fé destas mulheres, mais que conforto às suas vidas, tem permitido que elas alcancem melhores condições de vida, pessoais e financeiras. Em sua grande maioria possuem pouco ou nenhuma escolarização, o que naturalmente as levam para subempregos, cujos baixos salários não permitem uma vida com maiores confortos. A profissão que mais se destaca entre elas é a de doméstica. Essas mulheres negras trabalham nas casas dos mesmos brancos que enxergam com maus olhos as atividades que estas desenvolvem dentro da “missa inculturada” na igreja matriz de Nossa Senhora da Conceição, cuja história, segundo narrada por uma quilombola, diz que aos negros em tempos passados nem era permitido sentar no banco desta igreja.

[...] Daí fizeram as cabanas, houve a doação por um coronel das terras do local que são separadas pelas do sapateiro. Os habitantes do bairro não podiam freqüentar o centro da cidade, inclusive sentar nos bancos durante a missa da igreja Nossa Senhora da Conceição. (Entrevista com Maria Lúcia, quilombola integrante do Cosnec, 03/11/2013).

641

Segundo Molina (2011), existe uma desvantagem sistemática para os grupos menos privilegiados em que é verificada a divisão acesso aos bens X não acesso aos bens/ acesso precário aos bens, cuja hierarquia nada inocente estabelece o grupo social que terá acesso aos bens produzidos e o grupo que será privado de tais bens.

Assim, essa hierarquização que torna o Brasil uma nação excludente, mesmo que se tente negar este fato, faz com que a exclusão referente às categorias de gênero, raça e classe sejam mantidas, principalmente se a referência é relativa à mulher negra.

No tocante as relações sociais [...] a relação de gênero existente entre homens e mulheres está pautada pelas diferenças biológicas, e elas geralmente estão transformadas em desigualdade que tornam o “ser mulher” uma condição vulnerável, de exclusão social [...] Gênero é, portanto, uma construção social do masculino e do feminino.[...] A exclusão que atinge a mulher se dá as vezes, simultaneamente, pelas vias do trabalho, da classe, da cultura, da etnia, da idade, da raça, e, assim sendo, torna-se difícil atribuí-la a um aspecto específico desse fenômeno em vista de ela combinar vários dos elementos da exclusão social. (MOLINA, 2011, p. 374).

As experiências de vida das Quilombolas com os problemas discriminatórios que sofrem com a prática de suas artes (por ser “coisa de preto”) elucidam bem o pensamento de

Molina (2011), pois a autora constata que a exclusão que vitimiza a mulher não ocorre isoladamente, pois se liga a outras formas excludentes, tais como, a raça⁸, idade, etnia⁹, classe social. Neste panorama a mulher negra sofre discriminação duplamente, por ser mulher e por ser negra permanecendo em desvantagem em relação aos demais grupos sociais.

O duplo preconceito enfrentado pela mulher negra, que Molina (2011) caracteriza como discriminação cruzada (de gênero e de raça) causa grandes transtornos às mesmas. Entre os setores da vida das mulheres negras os mais atingidos são os que se referem aos ganhos salariais, e ao próprio acesso ao emprego impedindo uma possível ascensão social. Como a maioria dessas mulheres é oriunda de famílias de baixos rendimentos, muito cedo elas têm que ingressar no mercado de trabalho levando ao abandono escolar, fator que também impede a conquista de uma melhor condição econômica.

As políticas públicas¹⁰ de fins do século XX vêm numa tentativa de corrigir os erros de um passado escravocrata que formou uma sociedade excludente de gênero e de raça. Estes são problemas que se encontram na gênese da sociedade brasileira.

As atuações artísticas e religiosas das mulheres da Comunidade do Bairro de Fátima, segundo Woodhead (2002), ocorrem pelo fato de ocuparem lugares ou espaços sociais e religiosos que lhes garantem maior autonomia por várias razões: porque tais espaços representam fonte de capital social e cultural, permitem formação de identidade, oferecem formas particulares de permissão e permitem às mulheres articularem suas esperanças, medos, desejos e convicções morais, além da possibilidade de saírem da esfera doméstica e adquirirem maiores opções no espaço que irão atuar. A partir das novas alternativas religiosas, as mulheres podem procurar mudar ou reinventar a religião de maneira a encontrar espaços mais adequados do que os fornecidos pela religião tradicional com seus valores "tradicionais" e, geralmente, com liderança masculina.

5. As práticas musicais e religiosas no contexto sincrético afro-católico

Quanto às formas de ser católico, no que se refere à devoção das mulheres do COSNEC, Brandão (1988), diz existir uma pluralidade de maneiras de participar em que a pessoa se expressa em três modalidades sua participação: católico não praticante (a maneira de cada um), católico e católico praticante. Mas as mulheres dessa pesquisa se dizem católicas praticantes e católicas de tradição sem contestar essa herança religiosa adquirida pelos avós e pelos pais. A seu modo, elas introduziram as práticas artísticas afros (ritmos, danças e cantos com letras católicas) nas missas inculturadas onde vivem as experiências de crenças, cultos pessoais, familiares e comunitários do catolicismo popular reproduzidas alternativamente fora

do controle da hierarquia eclesiástica. Estão ligadas aos cultos populares com doutrinas, práticas e reinterpretação da doutrina da Igreja e formam uma religiosidade variante e um sistema autônomo culturalmente popular de crença e culto. Cumprem os preceitos de culto determinados pela Igreja como o batismo dos filhos, o casamento, a confissão e a comunhão além de cobrarem dos sacerdotes suas obrigações e compromissos com o sagrado.

Ao se referir ao catolicismo como estrutura sincrética, Sanchis (1997), afirma ter existido no Brasil o espaço para a concretude da diversidade a partir da junção dos “diferentes”, ou seja, a formação da identidade a partir do encontro de três povos desenraizados, em cujo seio surgiram os micro-processos do jogo das identidades não unificadas e permanentes nas porosidades e contaminação mútuas. As santidades indígenas, as tradições africanas já portadoras de um sincretismo anterior às suas incorporações ao catolicismo. “Nem África pura, nem Catolicismo europeu. Do ponto de vista religioso e do ponto de vista cultural” (SANCHIS, 1997, p. 105).

Ao observar a convivência das mulheres quilombolas com as práticas católicas locais, em cujas missas mostram os costumes africanos no que se refere aos alimentos dos negros ofertados no culto, nas danças executadas sob os ritmos dos instrumentos afros como o atabaque e o berimbau, Sanchis (1997) fala da forte presença católica e africana no campo religioso popular e suas articulações, suas mediações, seus mitos, suas diferenças, contaminações e impregnações mútuas.

Sanchis(1995) se refere ao sincretismo como uma modalidade constituída pela ambivalência que contém os empréstimos e reinterpretação de elementos de tradições diversas. Esses formam novos sistemas “como acontece no sincretismo brasileiro, em que nunca se chega a uma verdade unificada” (SANCHIS, 1995, p. 98). O autor mostra a chegada do terceiro povo, os negros, que se junta aos dois primeiros, os portugueses e os índios, e complexifica as identidades religiosas misturando etnias e culturas.

Há uma pacífica convivência, segundo relatos de uma informante, entre a igreja católica e a as igrejas neopentecostais, que recentemente têm sido erigidas na comunidade, pois até eventos em conjunto foram realizados neste ano de 2013.

Contudo, sabe-se que as relações religiosas, que no Brasil são vendidas como ações pacíficas, na prática são carregadas de conflitos. Para elucidar esta questão basta pensar nos ataques aos terreiros de umbandas e candomblés, a expulsão desses grupos de algumas localidades, o discurso inflamado de grupos neopentecostais sobre as religiões de matriz afro, ou o uso da expressão folclore de forma quase pejorativa para se referir as atividades de origem africana. A esse respeito Carvalho (2005) menciona que,

O debate sobre a preservação e a continuidade das artes sagradas afro-brasileiras, sobretudo diante dos ataques que vêm recebendo ultimamente, seja pelos evangélicos, seja pelos produtores culturais inescrupulosos, é um debate civilizatório. Deveríamos estar contentes por ainda contarmos com visões de mundo não-predatórias, capazes de inspirar práticas não destrutivas e de verdadeira tolerância, principalmente neste momento da história em que está em jogo o perigo posto por este modelo civilizatório suicida, que encontra sua legitimação nos dois pilares da cultura ocidental: o capitalismo e o cristianismo antropocêntrico. E o que é mais delicado para uma nação como a nossa, que conta com a riqueza das tradições sagradas indígenas e africanas, a vertente intolerante desse cristianismo antropocêntrico expande-se em nosso país, sustentada por este capitalismo feroz, e tem como projeto a eliminação dessas tradições africanas e indígenas, incluindo as suas formas de arte. Esse projeto de eliminação cultural é claramente um projeto racista, na medida em que são as comunidades majoritariamente não-brancas (as comunidades indígenas e as comunidades negras) as detentoras desse importante patrimônio cultural. (CARVALHO, 2005, p.19).

É justamente esta tentativa de “eliminação dessas tradições” que as Quilombolas, reunidas no Cosnec, têm combatido de forma consciente.

Na época áurea dos estudos de folclore, os pesquisadores enfatizavam, compreensivelmente, a riqueza dos fenômenos de sincretismo vigentes nas tradições populares: festas de origem africana que combinavam os rituais de nação (Congo, Angola, Nagô, Xambá, Mina) com rezas católicas, procissões, coroações de santos, missas, etc. Naquela perspectiva (que ainda não desapareceu de todo) não se supunha a possibilidade de uma perseguição tão feroz às artes sagradas afro-brasileiras a ponto de que pudessem declinar e mesmo desaparecer. (CARVALHO, 2005, p. 20)

O estudo desses grupos de mulheres se torna relevante para o entendimento de como pessoas tão simples adquiriram a consciência, como as Quilombolas, sobre a preservação de parte de suas raízes religiosas identitárias.

As falas das mulheres do COSNEC podem ser reafirmadas pelos depoimentos contidos no texto de Machado (2001), quando dizem encontrar no grupo um espaço para expressar seus conflitos familiares, problemas com empregos, discriminação social, ao mesmo tempo em que adquirem, através dos trabalhos que realizam com os cantos e as danças, novas expectativas e novas visões sobre o papel da mulher na sociedade.

Buscam, a partir das práticas artísticas e religiosas, alegrias, paz e serenidade, além das realizações dos novos projetos para um futuro próximo. Reforçam os elos com a comunidade religiosa e mantêm viva a fé e a intimidade com Deus. Encontram no grupo a cumplicidade

das companheiras que também amenizam seus problemas através do ato de dançar, cantar, orar e viajar para as apresentações em diversos locais.

Conclusão

As atividades lúdicas promovem novos sonhos e a reinvenção das relações na própria comunidade social e religiosa além da capacidade de vencer os desafios e as dificuldades no presente, visando o desfrute de uma vida melhor, social e financeira. Machado (2001) afirma ser essa nova realidade possibilitada pela superação dos limites através da alegria e autoconfiança adquiridas no interior das instituições religiosas que pregam a prosperidade e criam redes de sociabilidade e motivações subjetivas para a resolução dos problemas diários, e no caso das mulheres do COSNEC, as atividades culturais que exercem através da dança e do canto, acentuam a vaidade feminina e o gosto pelos cuidados com a performance demonstrada nos vestuários típicos, nos movimentos com o corpo advindos dos ritmos e batuques afros, no trato físico com os cabelos, maquiagem e unhas.

As mulheres quilombolas do grupo COSNEC declaram que através da música obtiveram maiores alegrias e o extermínio de doenças emocionais como a depressão, nervosismo e ansiedade. As experiências que vivem com a arte e a religiosidade reforçam a identidade de cada uma e do grupo como um todo, e transformam suas rotinas em dias prazerosos, cheios de esperança junto aos seus pares.

Referências

- ALVARENGA, O. *Música popular brasileira*. São Paulo: Duas Cidades, 1982.
- ARRUTI, J. M. Quilombo. In: PINHO, O. (org.) *Raça: Perspectivas Antropológicas*.
- BORGES, C. M. *Escravos e libertos nas Irmandades do Rosário: devoção e solidariedade em Minas Gerais – séculos XVIII e XIX*. Juiz de Fora: EdUFJF, 2005.
- BRANDÃO, C. R. Ser católico: dimensões brasileiras, um estudo sobre a atribuição através da religião. In: *Brasil & EUA – Religião e Identidade Nacional*. Rio de Janeiro: Graal, 1988, pp. 27-58.
- CALVANI, C. E.B. *Teologia da arte*. São Paulo: Fonte Editorial/Paulinas, 2010.
- CARVALHO, J. J. *As artes sagradas afro-brasileiras e a preservação da natureza*. Série Antropológica. Brasília: UnB, 2005.
- CONSTITUIÇÃO FEDERAL, 1988.
- DEGAAXÉ, Padre. *Missa Afro-inculturada*. Parte dois. Para a Pastoral de Campo Grande. Disponível em: http://www.cnbb.org.br/images/arquivos/files_4b26180169b74.pdf. Acesso em: 02/10/2013.
- FERREIRA, S. R. B. Quilombolas. In: CALDART, R. S. *et alii. Dicionário da educação do campo*. Rio de Janeiro/São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.
- HOBBSAWN, E. *A Invenção das tradições*. 3ª. Ed. São Paulo: Paz e Terra. 2002.

- MACHADO, M. D. C. Olhando as mulheres pentecostais através do espelho. In: VALLA, V. (org.). *Religião e Cultura Popular*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001, p. 75-90.
- MOLINA, S. C. *Considerações sobre o locus da mulher negra brasileira sob as perspectivas de gênero e de raça*. Revista Direito e Liberdade. V.13, n. 2, 2011, p. 371-386.
- MUNANGA, K. *Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade, e etnia*. Inclusão social um debate necessário. Belo horizonte: UFMG. Disponível em: www.ufmg.br/inclusaosocial/?p=59. Acesso em: 07/09/2013.
- PORTO, L.; KAISS, C.; COFRÉ, I. *Sobre o solo sagrado: identidade quilombola e catolicismo na comunidade de Água Morna (Curiúva, PR)*. Scielo, 2012. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-85872012000100003>. Acesso em: 11/11/2013.
- SANCHIS, P. O campo religioso contemporâneo no Brasil. In: ORO, A. P.; STEIL, C. A. (orgs). *Globalização e religião*. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 103-117.
- _____. O campo religioso será ainda hoje o campo das religiões (sub-itens 2 e 3). In: Eduardo Hoornaert (org). *História da igreja na América Latina e do Caribe: o debate metodológico*. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 96-131.
- SANTOS, R. E. Quilombos. In: CALDART, R. S. *et alii. Dicionário da educação do campo*. Rio de Janeiro/São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.
- SILVA, R. A. *Negros católicos ou catolicismo negro? Um estudo sobre a construção da identidade negra no Congado mineiro*. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.
- WOODHEAD, L. *Mulheres e Gênero: uma estrutura teórica*. Trad. Déborah Pereira. *Revista de Estudos da Religião*. n. 1, 2002, p. 1-11.

Entrevistas

Com os Quilombolas: Inês da Conceição Silva (2013); Maria Lúcia da Silva Carlos (2013); Roberto Carlos (2013).

¹ Essa associação criada na comunidade Quilombola do bairro de Fátima tem como intuito a divulgação da cultura de origem Afro, na tentativa de perpetuar os valores de seus antepassados escravos. Desta forma as práticas da dança da capoeira, maculelê, bate-paus e a congada são praticadas e difundidas pelo grupo não somente na cidade de Coronel Xavier Chaves, como nas localidades a que são convidados a apresentarem.

² “O nascimento da missa afro atesta a realização concreta de uma postura de Igreja comprometida com os menos amáveis, socialmente falando. Era visível o envolvimento e o comprometimento dos afrodescendentes na caminhada evangelizadora da Igreja e na transformação da sociedade, provando que não se deixavam abater diante da situação em que viviam. Alguns bispos, vivenciando a dimensão da profecia e reconhecendo a atuação dos afrodescendentes, ousaram desenvolver um trabalho pastoral diferenciado.” (DEGAAXÉ, 2013, p. 01).

³ De acordo com Hobsbawm (2002) as tradições são definidas como um conjunto de práticas reguladas por regras aceitas de natureza ritual ou simbólica que inculcam valores e comportamentos pela repetição o que cria continuidade em relação ao passado. São velhas e novas tradições mescladas, inventadas com empréstimos da religião, do folclore, com grande poder simbólico.

⁴ “O termo “dança dramática” foi cunhado por Mário de Andrade para designar os *bailados populares* em que uma parte de sua apresentação se dá em função de um assunto. Como exemplo de dança dramática tem-se Taiêras, Cucumbis, Reisados, Congada, Congos, Caiapós, Moçambique, Pastoris, Cheganças, Cabocolinhos, Maracatu, Quilombos, Bumba-meu-boi, Cordões de bichos.” (ALVARENGA, 1982, p. 27).

⁵ Conhecido como Beto, o negro Roberto Carlos (que diz não ter sobrenome), nasceu e foi criado no Quilombo do Bairro de Fátima, foi o fundador e presidente do Cosnec por cinco anos. Atualmente é vice-presidente da associação e trabalha com o resgate da tradição afrodescendente. A história sobre a origem da comunidade é conhecida por ele através da tradição oral de seus antepassados. É professor de capoeira, maculelê e dança bate-paus. Participa de vários projetos sociais a favor da comunidade.

⁶ Referência ao vinte de novembro, dia da Consciência Negra.

⁷ O Cosnec com o apoio da prefeitura de Coronel Xavier Chaves promoveu uma votação em toda a comunidade para saber se concordavam com a transformação da data de vinte de novembro em feriado municipal. A votação cuja aprovação foi unânime ocorreu com a visita dos membros do Cosnec a todas as casas

da comunidade recolhendo os votos para que todos, sem exceção tivessem a oportunidade de participar do processo.

⁸ “Para compreender o alcance do termo raça, é importante que, do ponto de vista meramente biológico, o conceito de raça não se sustenta para pensar as diferenças. Todavia, não é menos verdade que os seres humanos se pensam e se classificam como pertencentes as raças, o que torna necessário entender como o conceito de raça e racismo funcionam no seio social.” (MOLINA, 2011, p.375). A raça, na condição de reguladora de comportamentos e de relações, não é uma variante social com independência absoluta, pois comumente está associada a outras variáveis. É por essa maneira que o racismo se manifesta nas experiências concretas de indivíduos e grupos em eixos diferentes de discriminação, tais como, a cor/ fenótipo corpóreo, pela cultura, pela religiosidade, ou ainda por práticas culturais (SANTOS, 2012).

⁹ O conteúdo da raça é morfo-biológico e o da etnia é sociocultural, histórico e psicológico. Um conjunto populacional dito raça “branca”, “negra” e “amarela”, pode conter em seu seio diversas etnias. Uma etnia é um conjunto de indivíduos que, histórica ou mitologicamente, têm um ancestral comum; têm uma língua em comum, uma mesma religião ou cosmovisão; uma mesma cultura e moram geograficamente num mesmo território. Algumas etnias constituíram sozinhas nações. Assim o caso de várias sociedades indígenas brasileiras, africanas, asiáticas, australianas, etc.. que são ou foram etnias nações. (MUNANGA, 2013).

¹⁰ Por Políticas Públicas entendem-se as ações governamentais de caráter social que atinge uma determinada parcela da população com o intuito de garantir a efetiva proteção de direitos, principalmente os considerados fundamentais e previstos pelo Estado (MOLINA, 2011).